

AMAZÔNIA

A REGIÃO DE CARAJÁS

MAURÍLIO DE ABREU MONTEIRO
Organizador

AMAZÔNIA

A REGIÃO DE CARAJÁS



Universidade Federal do Pará – UFPA

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Maria Iracilda da Cunha Sampaio

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA

Diretor Geral: Armin Mathis

Diretora Adjunta: Mirleide Chara Bahia

Editora NAEA

Editor-Chefe: Silvio José de Lima Figueiredo

Divisão de Editoração: Aurilene Ferreira Martins e Albano Rita Gomes

Conselho Científico

Presidente - Prof. Dr. Armin Mathis – Universidade Federal do Pará

Vice-Presidente - Profa. Dra. Mirleide Bahia – Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Ana Paula Vidal Bastos – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Alberto Mejías Rodríguez – Universidad de La Habana, Cuba

Prof. Dr. Germán Alfonso Palacio Castañeda – Universidad Nacional de Colombia,

Leticia Profa. Dra. Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista – Universidade de Aveiro,

Portugal Prof. Dr. Miguel Piñedo-Vasquez – Columbia University – New York, EUA

Prof. Dr. Ronaldo de Lima Araújo – Universidade Federal do Pará

Coordenação de Comunicação e Difusão Científica

Armin Mathis

MAURÍLIO DE ABREU MONTEIRO
Organizador

AMAZÔNIA

A REGIÃO DE CARAJÁS



BELÉM
2023

Diagramação

Triunfal Gráfica e Editora

Foto de capa

Agropecuária Santa Barbara (Xinguara, Pará), antiga área dos castanheais Espírito Santo e Carajás.
Autor: Bloomberg (Getty Images)

Criação da capa

Lucas França Rolim

Revisão de texto

Conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
Andrew Caetano (Editora Cubo)

Padronização e normatização

Lucas França Rolim
Idelvandro José de Miranda Fonseca

Editoração final

Aurilene Ferreira Martins
Editora NAEA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca do NAEA/UFPA-Belém-PA

A489 Amazônia: a região de Carajás [recurso eletrônico] / Maurílio de Abreu Monteiro, organizador. — Belém: NAEA, 2023.
756 p.: il. 18,2 x 25,7 cm.

Inclui bibliografias
ISBN 978-85-7143-217-8

1. Carajás, região de (PA) - Desenvolvimento. 2. Desenvolvimento sustentável - Carajás, região de (PA). 3. Minas e recursos minerais - Carajás, região de (PA). 4. Planejamento regional - Amazônia. 5. Amazônia - Condições econômicas. I. Monteiro, Maurílio de Abreu, org.

CDD 23. ed. – 330.98115

Elaborado por Maria do Socorro Barbosa Albuquerque – CRB-2/871

Disponível em:

<https://doi.org/10.4322/978-85-7143-217-8>

© Direitos Reservados aos autores

Editora NAEA

Av. Perimetral, nº 1 - Campus Universitário do Guamá
Belém - PA - CEP 66.075-750 – (91) 3201-7231
naeaeditora@gmail.com, editora_naea@ufpa.br

SUMÁRIO

Prefácio	1
<i>Carlos Antônio Brandão</i>	
Parte 1 Região, aspectos teóricos e metodológicos	7
1 A importância heurística da região, uma nota	9
<i>Marcos Alexandre Pimentel da Silva</i>	
2 Expansão geográfica, fronteira e regionalização: a região de Carajás	17
<i>Maurílio de Abreu Monteiro e Regiane Paracampas da Silva</i>	
3 Modernização caricata e acumulação capitalista na Amazônia: o caso da região de Carajás	35
<i>Maurílio de Abreu Monteiro, Mirleide Chaar Babia e Edna Maria Ramos de Castro</i>	
4 Ajuste espacial e temporal na Amazônia: reflexões sobre fronteira do capital e des-re-configurações territoriais	53
<i>Fernando Michelotti, Humberto Miranda do Nascimento e Evaldo Gomes Júnior</i>	
5 Um diálogo possível? Aproximações e ressignificações do inventário furtadiano na interpretação da região de Carajás	77
<i>Rafael Gonçalves Gumiero</i>	
6 Natureza, infraestrutura, mineração e urbanização: cartografando interseções históricas na região de Carajás	93
<i>Patrícia Capanema Álvares Fernandes</i>	
Parte 2 Tópicos da história regional	115
7 A Amazônia em páginas impressas: a Série Realidade Brasileira da <i>Folha de S. Paulo</i>	117
<i>Eduardo de Melo Salgueiro</i>	
8 Alteridades e outridades na região de Carajás	139
<i>Idelma Santiago da Silva, Flávia Marinho Lisboa e Laécio Rocha de Sena</i>	
9 Privatização de terras na Amazônia: o caso do Polígono dos Castanhais	159
<i>Maurílio de Abreu Monteiro, Amarildo José Mazutti e Regiane Paracampas da Silva</i>	
10 O passado autoritário e seus rastros: 50 anos da Guerrilha do Araguaia (1972-2022)	183
<i>Janaílson Macêdo Luiz</i>	
11 Ouro, empresas e garimpeiros na Amazônia: o caso emblemático de Serra Pelada	207
<i>Maurílio de Abreu Monteiro, Maria Célia Nunes Coelho, Raimundo Garcia Cota e Estêvão José da Silva Barbosa</i>	
12 Estado de Carajás: vontades de verdade em (dis)curso	231
<i>Flávia Marinho Lisboa</i>	

13 Do pentecostalismo à terra de realização <i>Fernando Arthur de Freitas Neves</i>	257
Parte 3 Economia e região	279
14 Crescimento econômico e competitividade espúria na Amazônia: o caso da região de Carajás <i>Maurílio de Abreu Monteiro</i>	281
15 Mercantilização de recursos naturais, desigualdade e pobreza na Amazônia: a região de Carajás <i>Maurílio de Abreu Monteiro</i>	309
16 Relações mercantis e hierarquias na região de Carajás: um perfil econômico a partir de registros fiscais do estado do Pará <i>Lucas Rodrigues</i>	341
17 O FNO na região amazônica de Carajás: aprofundando o caráter primário e deletério da economia regional <i>Rafael Gonçalves Gumiero</i>	361
18 A escala nacional importa? O novo padrão de acumulação no Brasil e a centralidade da região de Carajás <i>Giliad de Souza Silva</i>	381
Parte 4 Conformação da rede urbana	415
19 A inserção das cidades na configuração da fronteira amazônica: um estudo de morfologia urbana na região de Carajás, 2010 – 2020 <i>José Júlio Ferreira Lima e Lucas França Rolim</i>	417
20 Núcleos urbanos informais em Carajás: o caso das Regiões Imediatas de Marabá e Parauapebas <i>Sergio Moreno Redón, Gabriel Moraes de Outeiro, Ana Carolina Campos de Melo e Rafael Gonçalves Gumiero</i>	441
21 Saneamento básico e pobreza na Amazônia: um diagnóstico para a região de Carajás <i>Daniel Nogueira Silva, Emílio Campos Mendes e Ritibelly Lira Sousa</i>	467
22 Panorama midiático da região de Carajás <i>Elaine Javorski Souza</i>	485
Parte 5 Ensino e escola	503
23 Letramento precário: uma faceta da configuração da região de Carajás <i>Vanja Elizabeth Sousa Costa, Maurílio de Abreu Monteiro e Gabriel Costa Oliveira</i>	505
24 A escola como objeto de pesquisa histórica na e sobre a região de Carajás: notas iniciais <i>Erinaldo Vicente Cavalcanti</i>	523

25 Para superar abismos no ensino: um outro modo de organizar e construir conhecimento <i>Rosemeri Scalabrin</i>	545
Parte 6 Elementos do agrário regional	569
26 Trajetórias produtivas no agrário amazônico: o caso da região de Carajás <i>Maurílio de Abreu Monteiro</i>	571
27 Cenário e perspectivas para a produção animal na região de Carajás <i>Anaiane Pereira Souza, Caroline Nebo, Fernanda Franco Alves e Ester da Silva Criança</i>	613
28 Caracterização produtiva da atividade leiteira em estabelecimentos na região de Carajás <i>Jefferson Rodrigues Gandra, Fabíola Miranda da Silva, Lucas Magevski Soares, Paulo Vinícius da Costa Mendes, Erika Rosendo de Sena Gandra e Milena Raiane Alves da Silva</i>	637
29 O ônus ambiental do paradigma agropecuário em Carajás e a construção de alternativas <i>Diego de Macedo Rodrigues e Maurílio de Abreu Monteiro</i>	655
Parte 7 Domínios da natureza	675
30 Componentes naturais da paisagem na região de Carajás <i>Estêvão José da Silva Barbosa, Maria Rita Vidal, Abraão Levi dos Santos Mascarenhas e Larissa Nascimento Fanjas da Silva</i>	677
31 Geoeologia: aportes para uma aproximação taxonômica das unidades de paisagens para a região de Carajás <i>Maria Rita Vidal, Abraão Levi dos Santos Mascarenhas, Edson Vicente da Silva e Estêvão José da Silva Barbosa</i>	707
32 A matriz hidrográfica da região de Carajás: um estudo sobre unidades fluviais e pressões espacialmente explícitas na paisagem <i>Keid Nolan Silva Sousa</i>	729
Sobre as autoras e os autores	751

Prefácio

Carlos Antônio Brandão  

A publicação do livro *Amazônia: a região de Carajás*, organizado pelo Prof. Maurílio de Abreu Monteiro, reveste-se de enorme importância. Sob diferentes perspectivas, planos analíticos, orientações metodológicas e embasamentos teóricos, a coletânea se debruça com atenção e propriedade sobre o espaço-tempo amazônico. Dividido em sete partes (abrangendo as dimensões: Região, História, Economia, Urbanização, Ensino, Agrário e Natureza), em seus 32 capítulos, vai se explicitando ao longo de suas páginas o empenho das autoras e autores em desvelar as estruturas, conjunturas, atravessamentos, lógicas, relações, agenciamentos e processos geo-historicamente *postos* no espaço social em construção permanente da região de Carajás, no contexto da Amazônia.

Ressalte-se a grande contribuição ao debate acadêmico e político desta iniciativa de pesquisadores paraenses, em sua maioria docentes da jovem e promissora, mas já consolidada, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa).

Escritas por mais de uma centena de mãos, suas mais de 700 páginas são alimentadas pelo melhor da tradição crítica, discorrendo minuciosamente sobre variadas dimensões, facetas e dinâmicas do que eu chamaria de escala (macro, meso e micro) regional. Como deve ser toda abordagem regionalizada histórico-estrutural, a escala regional é tomada como *mediação*, *lôcus de contraposições* persistentes e *disputas* vívidas entre as pautas hegemônicas (a partir de decisões locais ou extralocais) – que são dotadas de poder assimétrico – em sua relação contraditória com as outras perspectivas, sentidos, representações, modos de existência, resistências e lutas. A maioria dos capítulos se esforça em apreender, em aproximações sucessivas, as ações plurais de sujeitos, os exercícios concretos dos poderes concentrados dos agentes dominantes – incluindo seus sócios internos e externos –, ao mesmo tempo em que não negligencia as forças autonômicas e heteronômicas e suas experimentações. Penso que o livro vai nesta direção corajosa e promissora.

A densa obra coletiva propõe uma abordagem que identifica e mapeia as ações e decisões de sujeitos, agentes e atores sociais que, a partir do embate de forças e de suas lutas concretas e situadas, moldam o espaço e produzem um ambiente construído específico e dinâmico na Amazônia. Procura-se distinguir e contrapor a ação das forças hegemônicas e dos sujeitos subalternizados e inviabilizados na escala regional e construir uma argumentação bem articulada das espacialidades e temporalidades estruturais e conjunturais neste espaço plural e heterogêneo.

Conceitos e categorias complexas como região, desenvolvimento regional, escala regional, regionalização, fronteira, zona de contato, urbanização, excedente social, extração, paisagem,

ajustes espaçotemporais, divisão social do trabalho, alteridades, geoeologia, dentre muitos outros, são acionados e tratados com rigor e criatividade ao longo da obra.

Algumas das principais dinâmicas econômicas, sociais, políticas, ecológicas etc. no bioma Amazônia, sobretudo no interflúvio dos rios Xingu e Tocantins-Araguaia, são reveladas. São percorridos minuciosamente: a formação socioespacial e econômica e a conformação territorial da região de Carajás, o avançar territorial da frente pioneira e o estabelecimento de uma rede de vilas e de cidades. Acompanha-se a marcha da ocupação e sua dinâmica demográfica, com destaque para o papel, no longo curso histórico, de Marabá, como entreposto mercantil e polo econômico, que detém grande centralidade e relevância na rede urbana regional e nas hierarquias da escala macrorregional. Assim, uma importante periodização é sugerida, desde a ocupação da região, perpassando por seus diversos ciclos socioeconômicos e crises.

O livro propõe a delimitação de dois grandes períodos, descortinando espaçotemporalidades interessantes para a discussão dos processos históricos regionais. O primeiro, basicamente durante a década de 1970 até meados da seguinte, em que há a “constituição da configuração territorial” da região de Carajás, momento em que se abrem fronteiras, implantam-se grandes projetos estatais, multiplicam-se os negócios privados e acirram-se os conflitos. O segundo, no período pós-1986, fase de novos ajustes, da erupção de novos e velhos embates sociais, ampliação do desmatamento e a pulverização das ações governamentais, incluindo os eixos de logística, a expansão da atuação dos garimpeiros e das empresas mineradoras, a espoliação de populações tradicionais, a mercantilização da terra, o avanço da pecuária e soja, dentre outras dinâmicas.

A fronteira é tomada como um espaço complexo de ambiguidades, tensionamentos e recombinações de lógicas socioeconômicas e culturais heterogêneas e híbridas. São analisados os fluxos demográficos, a relação humana com a natureza, a estrutura fundiária, a apropriação do excedente social, o processo histórico do extrativismo da borracha, da castanha, o garimpo, a agricultura, a pecuária, os grandes projetos, a exploração mineral, a ampliação do agronegócio, o desmatamento.

Vários momentos históricos são muito bem escrutinados em variados capítulos, lembrando o papel da “guerrilha do Araguaia”; o papel do ouro, das empresas e dos garimpeiros; o fortalecimento dos discursos regionalistas e separatistas, que culminaram com o plebiscito em 2011, que reivindicava a divisão do Pará para criação do Estado de Carajás; os novos perfis sociodemográficos e religiosos, os movimentos missionários e de ascensão de correntes do neopentecostalismo, a crescente ocupação de espaços da esfera política pelo campo religioso.

Demonstra-se ao longo do livro o sentido tomado pelo curso histórico, em que a expansão contraditória do capitalismo vai produzindo um determinado espaço que é instrumentalizado pela “conversão de recursos naturais em mercadorias” e projetos de entrega dos territórios à lógica do mercado autorregulado. Tais processos e lógicas procuram negar a diversidade biológica e social preexistente, expropriam e aniquilam a riqueza diversa do metabolismo socioespacial e da vida da floresta tropical, fragmentando espaços, transformando a natureza originária em uma mera plataforma de exploração e uma base para a multiplicação da riqueza material para poucos. A produção social do espaço, com seus ajustes espaçotemporais em busca por soluções realizadas por deslocamentos e desvios constantes, se dá em um movimento de fuga para a frente, em que

variados processos de absorção expropriativa de outros modos alternativos de organização da vida social são confrontados ou subsumidos. Os autores denunciam adequadamente a “arrogância etnocêntrica para impor novas configurações a populações ancestrais”, em que os territórios são apropriados e vistos como “laboratório para experimentos desenvolvimentistas”, negando totalmente “a complexidade ecológica dos ciclos biogeoquímicos que ocorrem nos diferenciados ecossistemas presentes no bioma Amazônia”. Não obstante, resistências e contrapontos existem, persistem e são reafirmados. Mesmo nos espaços mais antropizadas do bioma, padrões diversificados de apropriação territorial e utilização do solo são constatados, heterogêneas formas de produção e suas distintas trajetórias tecnoprodutivas estão em coexistência, assim como lutas sociais e sublevações são coelaboradas, se revelam e se rebelam. Dentre várias frentes promissoras de pesquisa sugeridas pela coletânea, a fronteira amazônica é conceituada como uma zona de contato, espaço produtor de alteridades e de possibilidades de variegadas experimentações sociais.

O livro concorre para o avanço dos estudos sobre os processos regionais específicos de apropriação privada predatória da natureza, de acaparamento de terras, colocando a premência em se pesquisar e enfrentar a questão agrária no contexto do acirramento dos conflitos no campo. Fica evidenciada a necessidade do exame minucioso e da articulação cuidadosa das geografias física e humana nesta que é uma das maiores reservas de biodiversidade do mundo, dotada de uma extensividade de cobertura florestal sem par no planeta, embora venha sofrendo ao longo das décadas uma constante degradação ambiental e social.

Transitando entre diferentes níveis de abstração e planos analíticos com precisão, realiza-se uma sólida ancoragem em acuradas pesquisas empíricas, que logram desvendar o avanço das relações mercantis, os exercícios estruturais e conjunturais de poder de variadas frações e subfrações da classe dominante, que comandaram os processos de exploração, expropriação, exceção e extorsão nos territórios amazônicos. São analisados os circuitos espaciais de acumulação extrativistas da borracha, das castanhas, dos minérios, fenômenos como os da rápida pecuarização, o desmatamento, a dilapidação da floresta, a mineração depredativa, o prolongamento espacial das *commodities* da soja, dentre outros processos. Tais dinâmicas promovem a incorporação de uma extraordinária área ao mercado de terras, impõem o desmantelamento da biodiversidade e projetam uma “homogeneização dos sistemas ecológicos”.

Nas investigações realizadas, pode-se constatar que ocorre um processo de competitividade espúria, o que coloca inúmeras restrições e uma margem constrangida para a gestação de impulsos mais endógenos, que detenham dimensão e capacidade de promoverem alterações significativas nos padrões tecnológicos praticados na região de Carajás. Esses padrões encontram-se aprisionados nas vulnerabilidades da exploração primária e na mercantilização extrema de recursos naturais, conduzindo a um conjunto de dependências, desigualdades, injustiças socioespaciais, além de graves problemas sociais e ambientais.

Também se analisa a rede de relações de dependência manifestas na hierarquização dos núcleos urbanos e seus fluxos, identificando e mensurando as interações sociais e mercantis, permitindo examinar a estruturação de áreas de mercados e a percepção das hierarquias, heterogeneidades e centralidades urbanas. Ainda se investigam as especializações regionais e o perfil de contratação do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO). Em seguida

são apontados alguns dos constrangimentos e limitações para os desafios da reconversão e do redirecionamento das trajetórias econômicas e tecnoproductivas perseguidas até aqui na região.

O livro apresenta grandes contribuições para a análise dos padrões de urbanização, da expansão urbana e a configuração da rede urbana, além de buscar a identificação dos padrões de centralidade e de morfologia das sedes municipais paraenses. Neste contexto, aborda-se a formação de assentamentos precários, com destaque para os casos de Marabá, Parauapebas e Canaã dos Carajás. São espaços da destituição de direitos e serviços coletivos, vulnerabilidades socioeconômicas, exclusão dos mercados formais de terra, moradia e trabalho e marcados pela precariedade e baixa cobertura de infraestrutura. Também são tratadas as relações entre saneamento básico e pobreza na região, a importância de políticas públicas que garantam o acesso universal aos serviços essenciais de saneamento e o atendimento satisfatório de esgotamento sanitário e distribuição de água. Por outro lado, em uma análise situada e comparativa do panorama midiático regional, identificam-se verdadeiros “espaços de silêncio” na região, o que revela limitações na capacidade de difusão de valores de cidadania e justiça pelos meios de comunicação locais.

Nesse contexto de deficiências estruturais, os desafios educacionais se colocam. Como muito bem discutido e demonstrado, a escola tem um rico e potente papel a desempenhar, como espaço de produção de saber-poder e lugar produtor de práticas culturais, de experimentações e sociabilidades. A alfabetização, o letramento, a produção e a disseminação do conhecimento e outras experiências educacionais são questões prioritárias, que exigem enfrentamento imediato e sistêmico, a partir da transformação da escola pública de qualidade.

Outro ponto forte do livro é a caracterização das mutações na estrutura da economia agrária da região de Carajás, em que são apresentadas as relações entre agentes econômicos, instituições e usos da terra e suas formas de interação com o ambiente natural, bem distinguindo o segmento patronal e a parcela camponesa do agrário. É mostrado um espaço agrário heterogêneo e em disputas, que segue trajetórias tecnológicas bastante distintas, em que convivem diferentes agentes em um ambiente institucional de confrontos para fundar arranjos sociopolíticos para o tratamento das problemáticas da posse da terra, do fomento à produção, da provisão dos suportes infraestruturais e de serviços de assistência técnica etc. A produção animal é examinada, discutindo como, em que pese a importância da pecuária bovina, se estabelecem em amplos horizontes a produção de peixes, aves, porcos e abelhas. Também as atividades da pecuária leiteira são avaliadas, dando ênfase àquelas realizadas em propriedades de base familiar.

O livro apresenta uma grande preocupação com a pressão antrópica pretérita e presente sobre a cobertura florestal da região, relata as estruturas e as dinâmicas de uma paisagem natural que é muito singular, levanta as amplas possibilidades da geoecologia biológica, discutindo as mudanças climáticas e a hidrografia na região. Buscou-se identificar, delimitar e caracterizar os componentes naturais e os fatores abióticos e bióticos suprarregionais e sub-regionais. Realizou-se a investigação das unidades de paisagens da região de Carajás, com o exame da variabilidade climática, comprovando a complexidade de seu clima tropical/equatorial quente e úmido.

As análises, indicações, denúncias, recomendações e os alertas que são realizados ao longo da obra deixam pistas instigantes para a provocação de reflexões e debates presentes e futuros e o travamento de batalhas de convencimento e legitimação sociopolítica para a promoção de

iniciativas no sentido de uma elaboração coletiva de estratégias de transformação estrutural da região. Os desafios são enormes para a construção de alternativas de mudança de dinâmicas, padrões e estilos de (des)envolvimento, que possam escapar da dependência de suas equivocadas trajetórias anteriores e atuais de “modernização caricata” predatória. Será preciso avançar na regulação do mercado de terras e construir processos democráticos e participativos de planejamento e ordenamento territoriais. Nesse contexto, deveria ser dado destaque para a implementação de um novo tipo de política de assistência técnica e para a produção de ciência, tecnologia e inovação voltadas à maximização da utilização regional dos potenciais derivados da ecologia botânica nos processos produtivos do agrário regional. É urgente construir amparos institucionais, ações de CT&I e suportes adequados de fundos públicos e financiamento de maior porte e estabilidade, para trilhar caminhos mais ousados e promissores. Dentre estas trilhas a percorrer, coloca-se a premência de uma política de reflorestamento, a reestruturação, reconversão e transição econômicas e o fomento de outras formas de organização socioprodutiva e de circulação de bens, para a conveniente provisão de infraestruturas e serviços coletivos comuns. Este conjunto de estratégias deve estar norteado para o bem-estar prioritário de sua tão diversificada e acometida população, sobretudo aquela mais vulnerabilizada.

Do meu ponto de vista, a obra *Amazônia: a região de Carajás* é uma daquelas contribuições inestimáveis para um debate que deveria ser central nesta terceira década do século XXI: Quais os destinos da Amazônia? Qual o papel das lutas e dos movimentos sociais na região? Como conter e contrarrestar as forças sociopolíticas e econômicas que promovem a expropriação dos seus recursos territoriais e que concebem a escala regional apenas como uma mera plataforma de exploração, extração e capitalização de rendas? Será possível construir um desenvolvimento (inclusive o regional) para a vida e não exclusivamente para a lucratividade dos negócios privados? Como pensar um padrão de transformações estruturais que possa ser orientado por projetos ancorados na substancialidade da vida humana e não humana e não nos interesses imediatistas dos dominantes?

Não foi a intenção aqui levantar ou sistematizar, mesmo que brevemente, os extremamente ricos e multidimensionais eixos argumentativos e os resultados alcançados em cada capítulo. É um livro que merece leitura atenta e sobretudo várias rodadas de debate para a construção de um programa regional de pesquisas ousado e que possa beneficiar, garantir direitos e justiça ao conjunto de sua população. Caberá à leitora ou ao leitor desfrutar e refletir, a partir das perguntas cruciais colocadas por esta grande iniciativa acadêmica coletiva e comprometida para a busca de um outro processo de desenvolvimento – que seja justo, soberano, inclusivo, substantivo e durável – da região de Carajás, da Amazônia e do Brasil.

Carlos Brandão

Professor Titular do Instituto de Pesquisa e Planejamento
Urbano e Regional da UFRJ

Sugestão de citação:

Brandão, C. A. (2023). Prefácio. In M. A. Monteiro (Ed.), *Amazônia: a região de Carajás* (pp. 01-05). Belém: NAEA. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/978-85-7143-217-8.prefacio>